

CONSTRANGIMENTOS SOCIAIS EM TORNO DOS JOGADORES PORTUGUESES DA SELECÇÃO NACIONAL MASCULINA DE RÂGUEBI DE SUB-17

Nuno Pimenta | Claudia Pinheiro
Loughborough University | ISMAI
nj.pimenta@gmail.com

Objetivos

O râguebi em Portugal é um desporto em expansão, mas longe de se encontrar num nível profissional. Ao nível internacional, vários estudos foram realizados, procurando identificar como os jogadores profissionais ou amadores lidam com as dores e as lesões (Charlesworth & Young, 2006; Howe, 2004; Liston, Reacher, Smith, & Waddington, 2006; Malcolm & Sheard, 2002; Malcom, 2006; Nixon, 1992, 2004; Roderick, 2006; Roderick, Waddington, & Parker, 1999, 2000; Sheard, 2006; Waddington, Loland, & Skirstad, 2006; Young, 2004). Todos os estudos apontam para um elevado nível de tolerância à dor, juntamente com uma predisposição para continuar a treinar e a competir mesmo que lesionados. Através do nosso estudo, pretendemos compreender os possíveis constrangimentos sociais a que os jogadores não profissionais de Rugby Portugueses estão sujeitos, dado que pertencem a uma configuração desportiva e, como tal, interação direta e indiretamente com outros elementos dessa configuração.

Métodos

Os dados para o nosso estudo foram obtidos através da realização de quinze entrevistas semiestruturadas, realizadas em 2009, de cerca de 45 minutos cada. Foram entrevistados 15 jogadores Portugueses da Seleção Nacional Masculina de Rugby de Sub-17. O processo de seleção aplicado foi o da ‘não probabilidade’, baseado num critério de escolha por conveniência. Assim, os atletas foram entrevistados em função da sua disponibilidade, ao longo de dois dias de treino da seleção nacional. As entrevistas após transcritas foram submetidas a uma análise de conteúdo com o auxílio do software NVivo 8.

Resultados

Todos os atletas entrevistados afirmaram que já competiram e treinaram pelo menos uma vez com dores ou lesões. Referiram que sabem que é muito difícil atingir a profissionalização neste desporto mas apesar disso, revelaram uma cultura de aceitação e banalização da dor e das lesões como algo intrínseco ao râguebi.

“Sentimos dores musculares mas continuamos sempre. Nunca desistir! O râguebi é um desporto com tendência a lesões. É normal esquecermos as dores e concentrarmo-nos no jogo. Faz parte desta cultura.”

São encorajados desde jovens a adotar esta cultura e desde cedo adquirem lesões graves que se podem tornar permanentes. Encontra-se intrínseco ao desporto uma cultura do risco, a qual normaliza experiências de dor e lesão e que valoriza e glorifica os atletas que estão predispostos a treinar e a competir com dores ou lesionados.

“Se uma pessoa jogar lesionada, como é óbvio depois do jogo é tratada como se fosse um herói... Eu já vi um colega meu a partir a clavícula e a dizer que conseguia entrar e continuar a jogar. E jogou! Eu acho que com isso ganhou o meu respeito...”

Alguns jogadores consideram que por terem um treino físico e muscular intenso, estão mais preparados para suportar as dores e evitar lesões, o que os poderá levar a competir com uma falsa sensação de segurança. Estes atletas revelaram sentir um orgulho enorme por pertencerem à seleção nacional e como tal não querem desiludir as expectativas que neles são colocadas, nem desiludir os restantes elementos da configuração desportiva.



“Está incutido na modalidade. Jogar mesmo por querer, jogar com dores. Eu só deixo de jogar quando sinto mesmo que é impossível continuar.”

Conclusões

Considerando todos os estudos realizados nesta área, podemos observar que o desporto, quando praticado a um nível competitivo, só poderá existir se os atletas estiverem predispostos a aceitar o risco de adquirir dores ou lesões, como algo inevitável com a continuação da prática desportiva.

“Já desloquei o ombro 2 vezes, já parti o pé, já abri o nariz muitas vezes, já abri o sobrolho mais do que uma vez... Assim esses pequenos tipos de lesões.”

Apesar dos dados obtidos através de cada indivíduo serem únicos e representarem as suas experiências e ideias, não os podemos dissociar e isolar dos restantes elementos. No desporto, os jogadores pertencem a largas cadeias de interdependência, sendo portanto interdependentes com um largo número de pessoas tais como treinadores, médicos, adeptos, direções e até mesmo os outros jogadores, sendo eles colegas de equipa ou adversários. Quanto mais envolvidos na rede desportiva, maior será a probabilidade dos atletas serem influenciados e influenciar os restantes elementos. Assim, a predisposição dos atletas para aceitarem a dor e as lesões, poderá ser um reflexo de convicções originárias de uma cultura de risco evidenciada por treinadores, equipas médicas ou colegas de equipa. Poderemos também afirmar que, os jovens atletas serão ainda mais vulneráveis às influências da rede desportiva em que se encontram, pois apresentam a sua personalidade em construção.

“Se tivéssemos medo de ficar com lesões para o futuro ninguém fazia desporto.”

Bibliografia

- Charlesworth, H., & Young, K. (2006). Injured Female Athletes - Experimental Accounts from England and Canada. In S. Loland, B. Skirstad & I. Waddington (Eds.), *Pain and Injury in Sport* (pp. 89-106). London and New York: Routledge.
- Howe, P. D. (2004). *Sport, Professionalism and Pain*. London and New York: Routledge.
- Liston, K., Reacher, D., Smith, A., & Waddington, I. (2006, July 1). Managing Pain and Injury in Non-elite Rugby Union and Rugby League: A Case Study of Players at a British University. *Sport in Society*, 9(3), 388-402.
- Malcolm, D., & Sheard, K. (2002). 'Pain in the Assets': The Effects of Commercialization and Professionalization on the Management of Injury in English Rugby Union. *Sociology of Sport Journal*, 19, 149-169.
- Malcom, N. (2006). 'Shaking it Off' and 'Thinking it Out': Socialization to Pain and Injury in Girls' Softball. *Journal of Contemporary Ethnography*, 35, 495-525.
- Nixon, H. (1992). A Social Network Analysis of Influences on Athletes to Play With Pain and Injuries. *Journal of Sport and Social Issues*, 16 (2), 127-135.
- Nixon, H. (2004). Dimensions of Pain and Injury Experiences *Sporting Bodies, Damaged Selves* (pp. 81-97). Oxford: Elsevier.
- Roderick, M. (2006). The Sociology of Pain and Injury in Sport: Main Perspectives and Problems. In S. Loland, B. Skirstad & I. Waddington (Eds.), *Pain and Injury in Sport* (pp. 17-33). London and New York: Routledge.
- Roderick, M., Waddington, I., & Parker, G. (1999). Managing Injuries in Professional Football: a Study of the Roles of the Club Doctor and Physiotherapist. Leicester: Centre for Research into Sport and Society.
- Roderick, M., Waddington, I., & Parker, G. (2000). Playing Hurt - Managing Injuries in English Professional Football. *International Review for the Sociology of Sport*, 35(2), 165-180.
- Sheard, K. (2006). Pain and Injury in Boxing: The Medical Profession Divided. In S. Loland, B. Skirstad & I. Waddington (Eds.), *Pain and Injury in Sport* (pp. 127-143). London and New York: Routledge.
- Waddington, I., Loland, S., & Skirstad, B. (2006). *Pain and Injury in Sport*. London and New York: Routledge.
- Young, K. (2004). *Sporting Bodies, Damaged Selves*. Oxford: Elsevier.